

Boletim

I SÉRIE

31
DEOUTUBRO
DE

1947

ANO I N.º 4

PREÇO 2400

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR:

ARQ. JERÓNIMO REIS

ADMINISTRADOR:

ARMANDO RIBEIRO

PROPRIEDADE

DA

A. A. E.

(SECÇÃO CULTURAL)

DIRECTOR

HIGINO AUGUSTO PIRES

Redacção e Administração
(PROVISÓRIA)RUA 11-483
ESPINHO

COMPOSTO E IMPRESSO

TIP. PROGRESSO
— ESPINHO —

PÚBLICA-SE MENSALMENTE

PEÇO A PALAVRA...**Malhar em ferro frio...**

Estão na ordem do dia os "interesses de Espinho".

Donde esta coisa lógica que é saber como interpretar e o que deve significar o termo "interesses"; qual o seu conteúdo real, qual o seu valor palpável.

Espinho cresce e evoluciona o que se traduz por um movimento sempre crescente da sua população fixa.

Por outro lado essa população tem as suas necessidades e os seus interesses.

Por conseguinte tudo aquilo que a venha a beneficiar é o que nós designamos por "interesses de Espinho", por "interesses locais".

Estes por seu lado são os mesmos aqui e na mais longínqua aldeola, apenas diferindo por características particulares, dependentes da situação geográfica, do desenvolvimento económico, etc.

Logo, o quo vêm a ser os interesses de Espinho?

E' simples.

E' todo o empreendimento, oficial ou particular, que venha contribuir para o bem estar e solucionar as necessidades da população.

Em síntese: os interesses de Espinho são os interesses dos espinhenses, o que, á primeira vista, é uma das muitas verdades de La Palisse. Mas não é, pois muitas vezes se confundem os "interesses de Espinho" com os interesses do sr. Fulano ou do sr. Beltrano.

Há aí alguém que me queira desmentir?

— Ainda bem. Prossigamos?

Sendo assim quais são os nossos interesses?

São todos aquêles já debatidos nos jornais locais e até nos grandes diários de Lisboa e Porto; são as obras de defesa; é o abastecimento de água; é a mudança da C. P.; é o saneamento; é...

Continua na pág. 4

EDITORIAL**Pelo Progresso de Espinho****Palavras e Factos**

Em artigo anterior se falou aqui em perdas e danos verificados nos últimos dez anos. Não se pretendeu visar os dirigentes do concelho em particular, mas sim todos os guias e dirigentes que os há também fora das esferas municipais. Naquele primeiro artigo, de uma série de que este é segundo, deixou antever-se que por todos, incluindo mesmo alguns dirigentes concelhios, foram cometidos erros o que é humanamente natural e portanto indesmentível.

No entanto, como foi sobre a obra dos magistrados concelhios anteriores que se levantou certa discussão, achamos oportuno começar por esse lado, contrariando a disposição que traçáramos em deles nos ocuparmos no último artigo desta série.

Para que melhor sejamos compreendidos, torna-se obrigatório expor o que entendemos por bons chefes das coisas públicas locais. Entendemos não ser condição suficiente para que um homem público mereça a consagração dos seus concidadãos não se enganar nas contas orçamentais ou deixar que se atraze, ou não faça, a cobrança de impostos. Não basta também que saiba traçar planos e relatórios finais mais ou menos elucidativos, ou que a percentagem da receita cobrada na sua gerência ultrapasse a boa média. E' insuficiente ainda que ordene a factura de obras sem projecção futura mas que no momento possam enganar pelo brilho fagueiro a opinião pública. E' pouco, muito pouco mesmo, que os «homens de bordão», guiando o seu rebanho mercê de esper-tezas, coloquem ao abrigo da lei, atitudes e resoluções que não são aprovadas pela maioria daqueles que sabem o que querem e por-que o querem.

Não basta portanto trabalhar cingido aos números e artigos das leis taxativamente, tentando provar, arrimando-se por incapacidade ou pretextos, que a lei chega para tudo e todas as coisas, como se a lei não tivesse ou desse lugar a interpretações, além dos casos omissos que sempre encerra.

Dada, neste pálido cerzir de ideias, a ideia que formamos, resta talvez concluir que somos exigentes, o que não deve ser qualidade de que exclusivamente nós façamos uso.

E posto isto, não custa a aceitar que se cometeram prejuízos. Um investigador imparcial tem que esquecer os seus impulsos de generosidade perante a verdade, ainda que a verdade seja repugnante, porque tais «verdades» existem. Reconhecamos também que o ódio dos intelectuais pelo seu requinte é o

Continua na pág. 3

MARÉS VIVAS**Onde estão os novos valores de Espinho?**

Espinho uma terra cosmopolita, onde proliferam não só diplomados e estudantes universitários em grande número, mas também onde se encontram amiúde valiosos elementos saídos do comércio e indústria, continua, paradoxalmente, a atravessar uma crise de valores sociais.

Num meio repleto de pessoas que são desempoeiradas — pelo menos no rótulo — como é Espinho, verifica-se que o meio ambiente continua mal gerido e que a comunidade não é servida por êsses mesmos indivíduos, por apatia uns por comodidade outros. Mas como a época é dos novos, é dos novos que vou falar. Se em artigo anterior se disse no "Boletim" que os novos não eram tão maus quanto os pintam, também agora se pode afirmar que os novos valores intelectuais não estão a ocupar o lugar que a si próprios deveriam impôr. Da classe dos valores profissionais não interessa falar senão para exemplificar que a pergunta que encima esta desluzida coluna não envolve discussão sobre a valia profissional dos novos doutores, professores, engenheiros, etc.

Há bons novos médicos, advogados, professores, economistas, arquitectos, engenheiros, etc., etc., todos mais ou menos competentes dentro das respectivas profissões.

Essas profissões foram conseguidas através de porfidado trabalho e no qual o treino da inteligência teve afanoso movimento. Não restam pois dúvidas pelos factos apontados que êsses valores deveriam não só serem os guias da comunidade espinhense, como também, e pelo menos, os que pelos seus conhecimentos deveriam amparar todos as realizações, iniciativas e sugestões

Continua na pág. 2

Carta de Longe O 52.º Aniversário dos Bombeiros V. de Espinho

Carta de Longe

Minha amiga: não tive o prazer de a cumprimentar este ano em Espinho. Embora Você tenha sido gentil até ao ponto de me prevenir dessa «decisão inabalável de gosar as suas férias na quinta de Traz-os-Montes», confesso que mantive, até à última hora, a esperança de que nada disso acontecesse. Por mal dos meus pecados, a Maria da Graça — desculpe-me o trocadilho, mas vai achar graça ao pseudónimo — quis provar à evidência que nem todas as mulheres mudam de opinião como de vestido e, ciosa duma pontinha de orgulho que mais lhe aguça o apetite de ser diferente, resolveu-se pela excepção, sem se lembrar, afinal, que melhor confirmava a regra. Se é um facto que muito me penitenciei com a sua ausência, também é certo que bastante me tranquilizou, de mais a mais numa rapariga volúvel como sempre se tem mostrado, a firmeza com que nesta conjectura teimou impor-se à sua própria fragilidade. Conseguiu—acredite—um belo triunfo, tanto mais de apreciar quanto lhe há-de ter sido doloroso, em sacrifício e em renúncia, manter-se fiel à decisão tomada. Se a minha Amiga não me conhece bem... ou melhor: se eu não fosse, como por vezes graciosamente me julga, «duma ironia quase venenosa, mas indispensável», estou em crer que jamais mereceria o seu perdão, tal a rudeza com que lhe castigo os poucos defeitos, sem exarar aqui, em letra de forma, o mínimo elogio às suas múltiplas virtudes! Mas não é este o nosso caso—e ainda bem...

Desculpe o meu silêncio, aliás propositado. Estive vai-não-vai para lhe escrever da praia, mas lembrei-me a tempo de que Você dispõe dum olfacto apuradíssimo e, francamente, uma carta remetida de Espinho tanto lhe poderia cheirar a iodo ou a sardinha, como a Champagne ou a Espanholas!... Além de ser uma tentação para si, era muito pouco agradável para mim (apenas no que respeita ao bom conceito que lhe devo) a Maria da Graça, maledicente como é, reduzir à ínfima espécie o valor dos perfumes portugueses e só ter nariz para os dois últimos, estrangeiros... Deixe-me dizer-lhe, a propósito, que muito se enganava! O magro ordenado dum funcionário... particular não se harmoniza com bebidas leves, nem com pulseiras maciças...

Eis o motivo por que resolvi escrever-lhe, só depois do «nosso» regresso:—eu, do borbórinho, das mesas dos Cafés, do «Adiós, Pampamía» e dos anúncios da Cabine Sonora, da frivolidade do «Picadeiro» na Avenida—dessa nova «Sala dos Passos Perdidos», vitrina maravilhosa de manequins de ambos os sexos; Você, do isolamento, daquele banc solitário ao fundo da quinta, dos gorgeios, dos murmúrios, da vida simples, arejada, franca!...

Agora que tudo passou e a minha amiga já não corre o perigo de seguir na esteira de certos políticos, que vestem casacas de todas as cores e feitios, posso garantir-lhe, sem exagerar, que fez muito mal em não ter ido este ano até Espinho. Não que pudesse encontrar a praia defendida, e a Piscina sem cicatrizes; o saneamento uma realidade, e água,

e é projectada fusão das associações locais de Bombeiros Voluntários

O «Boletim», interprete fiel de uma geração que começa agora a háluciar as primeiras palavras na vida de Espinho, que sente os problemas da sua terra com o carinho próprio de quem aqui nasceu viveu e se educou, com a consciência do que convem ao interesse colectivo e com absoluto desinteresse pelas paixões e caprichos inteiramente individuais, sentiu que não podia, nem devia, manter-se alheio ao problema da fusão que vai debater-se. E como esse lema já vai sendo reconhecido recebemos um honroso convite para almôço de confraternização entre as duas corporações locais, fecho brilhante das festividades comemorativas do 52.º Aniversário dos B. V. de Espinho. Nessa confraternização tomou parte «numa afirmação de interesse» a Câmara Municipal, o que pode trazer benefício real para a ideia da fusão, visto que, fechando a série de discursos, o sr. Cap. Adelino Santos, presidente da dita Câmara, em curta, mas expressiva, exortação indicou aos dirigentes de ambas as corporações o caminho mais aconselhável — a fusão das Associações de Bombeiros Voluntários locais. Ouidas as orações proferidas pelos srs. Joaquim Moreira da Costa J.or, presidente da Ass. Geral dos B. V. Espinho, Dr. Amadeu de Moraes, presidente da Ass. Geral dos B. V. Espinhenses, Maximo Taveira, dos B. V. do Porto, e Amadeu Fragoso de Moraes, comandante dos B. V. Espinhenses, orações sempre apoiadas com calor pelo corpo activo das corporações, tiramos de tudo várias conclusões interessantes.

A primeira é que se verificou a melhor comunhão de sentimentos de camaradagem e amizade entre os bombeiros e directores das associações, campo ideal para a solução do problema da fusão. Depois, que os ressentimentos derivados de atritos anteriores, sempre criados pelos homens e não pela rivalidade, estão agora esfumados devido mais à benevolência e indulgência de todos, que à cura pelo tempo, imenso cadinho onde tudo se esvai e esquece. Finalmente, que das palavras proferidas pelos representantes das duas corporações, as do presidente A. Geral dos B. V. de Espinho foram sinceras e cordiais, mas cuidadosas, e que as do Dr. Amadeu Moraes da A. H. B. V. Espinhenses foram vibrantes e exortativas, atacando o problema com manifesta intuição ou estudo.

Assim, e por via do «Boletim» estar ainda nos seus primeiros passos, achamos conveniente colher elementos em fonte segura, para o que escolhemos o Dr. Moraes, um «novo» e um dos fundadores da Ass. Académica de Espinho, de que o «Boletim» é órgão oficial. Como esperávamos, o nosso amigo começou por negar-se atribuindo à essa atitude à justificação de pertencer a uma das corporações. Em todo o caso, e porque o convencemos de que essas «convenções» servem só para quem faz delas uso pouco recomendável, conseguimos saber que o Dr. Moraes fizera um pequeno trabalho sobre os Bombeiros Voluntários e sua importância económico-social na vida espinhense, do qual, por nos faltar espaço, recortamos os seguintes passos:

O problema da fusão, para quem pensa nos interesses de Espinho e conhece a vida de ambas as corporações de bombeiros, reveste a mais alta importância, merecendo a maior ponderação antes de ser resolvido por parte das pessoas a quem foi atribuído o encargo de limar as arestas e de procurar a solução que satisfaça ambas as partes.

A A. H. B. V. Espinho que durante 32 anos se manteve só, a servir a nossa terra, e também as vizinhas, conseguiu cobrir-se de glória e obter, merecidamente, a Comenda da Ordem de Cristo em recompensa da garantia firme dos inestimáveis serviços prestados ao povo que servia. A A. H. B. V. Espinhenses, criada muitos anos depois, procurou e conseguiu afirmar em cada ano da sua existência a

sua utilidade, demonstrando positivamente—até mesmo aqueles que dificultaram a sua criação—que bem cumpria a missão a que se dedicaram, que dignificava Espinho, e que quando a vontade é forte se podem conseguir maravilhosos resultados de utilidade social.

Nenhuma delas apresenta «déficit» e ambas têm material que, por agora, servirá para acudir ao essencial.

Será vantajosa ou prejudicial ao povo de Espinho a fusão das duas corporações existentes? Contra a fusão, os mais fortes argumentos que podem invocar-se filiam-se na natureza especial das instituições deste género, da seiva que as alimenta, e nas consequências a que será conduzido se, pela maldade dos homens, surgirem divergências no seio de uma entidade que seja a única existente. Embora as pessoas que hoje dirigem e compõem na qualidade de sócios e bombeiros ambas as corporações estejam perfeitamente de acordo e vivam em comunhão de vontades, para se criar uma só entidade forte, e que permita canalizar todas as receitas e aplicações, amanhã pode haver homens a quem a glória efémera de mandar obceca os sentimentos dignos.

Deste modo é preciso ser impedido que a Colectividade caia nas mãos de pessoas incompetentes que pouco a pouco vão cavando a ruína dos serviços de incêndios.

Há também o óbice, à ideia da fusão, representado pelo capricho que justifica a iniciativa particular dos homens que dirigem as instituições congêneres. Havendo uma única corporação deixa de haver a rivalidade, e se os homens não forem superiores às pequenas vitórias esquecendo os fins altruístas, descansarão na honra do lugar não trabalhando com o afino anterior, dizendo no final da reunião bocejando: «—que maçada!!...»

Mas serão estas razões de molde a regeitar a ideia da fusão? Na impossibilidade de se criar um Corporação Municipal, tudo aconselha a fusão regulamentada e feita com a colaboração estreita das instituições existentes e Câmara Municipal.

Tudo indica pois, que se estude o problema com elevação e a nítida noção da responsabilidade, visto que uma fusão é sempre um trabalho complexo e melindroso.

Gino Sérpi

Determinações da Direcção da Ass. Académica de Espinho

Nas suas últimas sessões do mês corrente, resolveu a Direcção da Associação Académica:

Reorganizar as gerências das diversas secções do clube, nomeadamente a Cultural e Desportiva. Nomear o sr. Dr. António Nunes das Neves para dirigente da Secção Cultural. Nomear o sr. Alberto Vita para dirigente da Secção Desportiva. Nomear o sr. Manuel Serralva chefe da secção de Hoquet em campo. Sanctionar a pena de repressão registada aplicada pela Secção Desportiva ao praticante Carvalhas, jogador de hoquet em patins, categoria de juniores, por ter faltado ao jogo Vitoriosa-Académica. Atribuir ao sr. Higinio Augusto Pires plenos poderes na Direcção do «Boletim» da A. A. E. Atribuir ao Instituto Português de Oncologia e à Assistência Nacional aos Tuberculosos, 10 % da receita líquida da cotização anual do clube, dividida em partes iguais de 5 % para cada instituição.

muita água, incolor, inodora e insípida; no largo fronteiro à Estação, um Corêto que não fosse tão coberto de rosa como os livros de Magalhães; os combóios a silvar lá para os bandos da Feira, resolvido, uma vez para sempre, o magno problema das cancelas fechadas e dos defumadores na ponte fronteiriça; uma nova Central dos C. T. T., um grande Hospital da Misericórdia; demolido o velho e inestético edifício que foi da Câmara e outros «Palácios» que tais, á entrada da rua 19; enfim, mais higiene e, sobretudo, menos pedinche nas ruas e á saída das missas, ao domingo... — Nada disso! Apenas—o que já é muito—uma vida nova, menos apática; desejo mútuo de arrumar, de alindar a velha casa; esforços conjugados na esperança de melhores épocas; mais festas e menos bilheteiras; mais propaganda, mais visões; enfim, renascimento de nobres tradições, que deram a Espinho fama, honrarias, certeza de continuidade... Com tão bom desejo de se ganhar o tempo perdido, não há que temer o futuro!

Minha amiga: para o ano, se Deus quiser, desejo vê-la de novo ao pé de mim. Acredite — há-de valer-lhe a pena regressar a Espinho! Até lá, estude, estude muito... Lembre-se que nem tôdas as raposas são «argentée»!... Se puder, como agora vai aprendê-lo, mande-me dizer, em grego, que gosta de valer dêste seu Amigo... —Eu não percebo e Você não cai no ridículo!

Saudades do

Eugenio Paiva Freixo

Marés Vivas

Continuação da pág. 1

da anónima massa espinhense. Esta obrigação está, socialmente, na razão directa do valôr intelectual que publicamente lhes é outorgado, o que parece não é compreendido pelos que pretendemos atingir.

Que preocupações ou iniciativas, que comparticipação para o bem colectivo veem dos novos doutores, engenheiros, etc.?

Nenhum que sabamos ou que se veja. Será que o valor atribuído não pertence na totalidade á inteligência e noção humana dos elementos em causa? Será que o diploma conseguido dependeu mais de trabalho esgotante e teimoso do que da verdadeira inclinação para a elevação da eterna sede de saber? Não sabemos sique responder.

O que sabemos é que não basta a fuga vulgar de apresentar a causa política como razão impeditiva, visto que na generalidade esse pretexto serve apenas para esconder incapacidade. Ou não será assim?

Gino Sérpi

A' semelhança da lei de Dulon et Petit poderemos dizer que todos os homens possuem a mesma temperatura elevada, quando distam igualmente duma mulher esculpura! Nada disso. Sua muito mais o que tem a carteira vazia...

Mário Castro de Aguiar

Notável e oportuna conferência sobre a Obra das Missões

Sua Excelência Reverendíssima, D. Moisés Alves de Pinho, Arcebispo de Luanda, fez-se ouvir, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Espinho, numa brilhante conferência, já laral e mais oportunamente noticiada, subordinada ao vasto e muito interessante assunto das Missões.

Depois de apresentado pelo Sr. Capitão Adelino dos Santos, Presidente da Câmara Municipal, e na presença das entidades oficiais, sacerdotes e numeroso público, Sua Excelência deliciou-se, com a eloquência da sua palavra, pelo espaço de 60 minutos.

Princípiou por invocar a origem do cristianismo que é também a origem do movimento missionário. Falou-nos da influência do Evangelho nos povos verdadeiramente civilizados, prevenindo para que se não confundam certos elementos exteriores da civilização material com a alma da verdadeira civilização. E citou Rabelais: «Ciência sem consciência é ruína».

«Dilatar a Fé e o Imperio», cantou o nosso E'pico; «Fazei muita cristandade» era a recomendação mais instantânea dos nossos soberanos aos seus representantes no Ultramar aquando da gloriosa época dos descobrimentos. Assim iniciou o ilustre conferente outro parágrafo, referindo-se á epopeia missionária que bem serviu o Cristianismo e Portugal, educando o indígena com alma portuguesa, nacionalizando-o.

E' mais adiante: «Os tempos mudaram com a supressão das Ordens Religiosas. Quando se estava em plena Restauração veio 1910 que paralizou este movimento a pretexto de mudança de regimen político.

João Belo reconheceu a absoluta e urgente necessidade de neutralizar a influência de outras missões que não têm alma portuguesa».

Prosseguindo, disse: «Eu sei, meus Senhores, que se tem agitado, por vezes, o espectro do separatismo.

Sem ultrapassar, de qualquer modo, os limites da minha esfera, eu posso, eu creio até que devo fazer aqui uma afirmação, uma recomendação e uma pergunta.

Primeiramente, estou em Angola há quinze anos, percorri frequentes vezes a colónia em todos os sentidos, tenho estado em contacto seguido e nas mais variadas circunstancias com os portngueses que por lá trabalham e posso afirmar categoricamente que não logrei descortinar, nem por sombras, qualquer vestígio de separatismo ou de coisa parecida.

Estou certo de que não há uma pessoa desapassionada e conhecedora de Angola que não corrobore o meu testemunho.

Agora, se me é permitido, a recomendação. Ela é simples e de elementar prudência: se ouvirem repetir a acusação a que me refiro, dêem-se ao cuidado de investigar donde vem...

Por último, uma pergunta: será justo insultar e ferir no que eles têm de mais sensível e delicado, aqueles que na maior e mais portuguesa das nossas possessões devotadamente dão o seu contributo ao engrandecimento de Portugal em Angola?

Não é justo e uma injustiça é sempre perigosa».

E com a narrativa de factos surpreendentes, que constituem um forte motivo de orgulho, justificou amplamente o indismutável patriotismo dos portugueses do Ultramar. Para sentirmos a satisfação destas afirmações tivemos de saber também se elas se tornam necessárias...

D. Moisés deu-nos em seguida largas e concretas indicações sobre o campo de acção a seu cargo.

«A Messe é, na verdade, abundante, mas poucos são os obreiros», foi a queixa de Jesus na Palestina, com que Sua Excelência epigrafou a parte final da sua conferência.

Referindo-se á escassez de recursos materiais que tornam tão di inuída a amplitude de tão generosa acção, acrescentou:

«Urge criar em Portugal um movimento, uma tradição popular de generosidade para com a obra missionária, á semelhança do que já existe — e muito nos honra — com relação ás Misericórdias, Asilos e outras obras de assistência, todas muito dignas, aliás do maior interesse.

E lembrou como cumprir este dever:

a) Orando pelas vocações missionárias, de harmonia com a recomendação do Divino Mestre, quando disse: «A Messe é, na verdade, abundante, mas poucos são os obreiros».

b) Pedindo ao Senhor da Messe que mande obreiros para a sua seara.

Nenhum crente poderia alegar desculpas para se esquivar a este género de colaboração.

Muito embora em grau diferente, todos podem dar esta colaboração.

Continua na pág 4

Talvez seja verdade que...

QUE Magro & Magriço deram o lugar a Didi.

QUE o patinador espinhense João Gonçalves recordman regional dos 1.000 e dos 5.000 metros, irá a Lisboa, afim de participar nos Campeonatos Nacionais de Patinagem...

QUE o grupo de basquetebol da Associação Académica de Espinho conta na presente época com o concurso de três elementos de "fora", de comprovados recursos...

QUE se pensa na realização de um festival de basquetebol com a colaboração das melhores equipas nortenhas...

QUE já é grande a saudade motivada pela ausência do "desporto-rei"...

QUE os "Juniões" de hoquei em patins da Associação Académica de Espinho não corresponderam ao que deles se esperava...

QUE voltamos a ter em Espinho a P. S. P...

QUE se vai construir um quartel para a G. N. R., em Espinho...

QUE, se vai proceder á urbanização geral da Vila e em especial á volta dos Paços do Concelho, incluindo o Parque João de Deus,

QUE os subscritores das cotas pró-seccção de futebol do Sporting de Espinho, estão a procurar fugir á responsabilidade

que assumiram, firmada pela assinatura das respectivas declarações...

QUE essa atitude classifica os seus autores...

QUE alguns directores do S. C. Espinho, que pertencem á Comissão Pró-Secção de Futebol, não são assíduos ás reuniões convocadas para esse fim...

QUE os Estatutos da Ass. Académica vão ser alterados, para que melhor sejam atingidos os fins, para que se propôs o clube...

QUE a secção de futebol do Sporting de Espinho está entregue em boas mãos, tanto no que respeita ao chefe de secção, Alexandre de Sousa Reis, como ao treinador César Ferreira...

QUE vai "pôr-se anúncio" para encontrar um Presidente para a Associação Académica de Espinho, que reuna as condições indispensáveis...

QUE o futuro "Presidente" (bonito!!) terá que dirigir o clube com proficiência, abandonando o ar de quem vai dar uma aula aos meninos...

QUE o articulista de "Defesa de Espinho" se esqueceu (P) de mencionar nas notícias sobre o almoço de confraternização dos Bombeiros, que o "Boletim" também teve um brinde, especial, acompanhado por todos os presentes, que partiu dos srs. Horácio Barbosa e Saul Godinho, respectivamente dos B. V. Espinho e B. V. Espinhenses.

DIDI

Pelo Progresso de Espinho

Continuação da pág 1

mais virulento de todos os ódios e que aqueles que lhes estão na dependência acabam por lhe sofrer as consequências. Mas não achamos tais FACTOS motivo suficiente para calar as nossas PALAVRAS, que pela imprensa local já deveriam ter sido proferidas.

Não interessa, pois, vir discriminar o que deveria ser feito, o que se não fez, e os erros que foram cometidos, para criar e levantar questões que mais vale fiquem a pairar. Houve promessas que prometiam e cumpriram, promessas que prometendo se comprometeram porque lhes faltou o instinto necessário para calcular a obra que servisse e satisfizesse os espinhenses. E' muitas vezes difícil ser claro nestas coisas quase subterrâneas, cujo completo conhecimento fica cingido a diminuta minoria. Mas como o senso comum é ainda grande julgador daquilo que se não vê, ele mesmo classificou as obras e os homens seus mandatários.

E senão vejamos. Porque razão a opinião pública, como nós, sempre aceitou, entre outros, o valor dos srs. Dr. Augusto Braga de Castro Soares e José Francisco da Silva J.º? Será que todos sabem minuciosamente do seu trabalho? Será que o seu labor foi isento de incerteza? Não o cremos.

Eis a prova de que sendo os espinhenses tão exigentes, não negam valor aos que o possuem. Continuaremos.

SOLILOQUIOS

Não há maneira de acertar!!!
Lembrando-me de "concurso" digo: empre: "concupha"...

—E' já demasiado, não acham?!

Advogados?
Homens que defendem o torto para pagarem direitos.

Jogadores ou homens da batota?
São animais com predilecção pelo verde...

Mário Castro Correia



Do culto da Natureza

Quási sempre a opinião geral peca pelo superficialismo com que julga as coisas e os factos, apelidando de maníacos e pretensiosos aqueles que procuram vêr para além das aparências.

Assim, a figura dum campista de mochila às costas ou a notícia dum grupo de rapazes vivendo no campo entregues a si-próprios e livres da teia apertada das convenções da nossa sociedade, prestam-se a comentários injustos. Não se julga o Campismo como manifestação séria regida por um organismo oficial, mas sim como meio de expansão da fantasia dalguns que dêle se servem somente para comer, mandriar e exteriorizar a sua alegria em atitudes simiescas. O amante do ar livre não procura o campo para dar largas ás tendências do seu temperamento domado pela educação e proceder como criança travessa quando nada respeita e imita Tarzan com esganiçados berros que põem os camponeses de sobreaviso.

Na vida de acampamento, além do desporto e do estudo da região com os seus costumes, tradições e lendas, a principal e mais proveitosa ocupação é a da observação da Natureza.

O céu, a terra e a luxuriante vegetação que a agasalha e enfeitada, fornecem-nos maravilhosa matéria de estudo e inúmeros motivos de Beleza.

Devassada a aparência calma dum bosque descobriremos uma vida intensa que se desenvolve sempre diferente, ficando prêsos do sempre jôvem culto da Natureza. Dêste culto ou amor da Natureza sobrevém para o campista deliciosos momentos de estática admiração perante a perfeição daquêle "todo" donde vimos e para onde vamos.

Integrados num mundo primitivo, olhos e sentimento abertos para uma vida irmã da nossa, aprendemos a amar o céu azul e as estrêlas, a graça dos arbustos, a magestade das árvores, o colorido e a forma das flôres, a alegria dos regatos, a serenidade dos rios, a austeridade das montanhas, a vivacidade e agilidade dos animais, e finalmente a terra, aquela terra pisada e desprezada que tudo nos dá.

O "Boletim" e a sua expansão

Com pedido de envio regular do "Boletim" recebemos um officio do Centro Cultural Excelsior (Sociedade Internacional de Recreio e Cultura Istelectual) de S. Paulo, Brazil, que possui uma biblioteca muito frequentada por portugueses.

Recebemos pedidos para assinatura dos srs. Henrique Rios, do Rio de Janeiro, e de Abel de Oliveira, de Mossamedes, Angola.

E' também assinante o sr. Felisberto Ferreirinha, de Lourenço Marques, Moçambique.

Do sr. Miguel Ferreira Amorim, S. Paulo, Brasil, recebemos muitos jornais e revistas brasileiras para permuta com o "Boletim".

O PROBLEMA DA ASSISTÊNCIA

Continuação da pág. 8

que algum não foi internado como seria preciso.

Enfim, é ingrata a missão, porque nem todos compreendem a missão incumbida à Santa Casa da Misericórdia.

Mas era bem que todos se convencessem de que o hospital só não fechou as suas portas, porque um providencial subsídio da Comissão Municipal de Assistência, veio permitir continuar a assegurar as despesas da assistência prestada.

E o capítulo encerra-se, lembrando o simbolismo de dois carros que apareceram no Cortejo de Oferendas, a definir todo o problema da Santa Casa da Misericórdia.

Um — aquele que, à porta de uma choupana miserável, nos mostrava um mendigo, roto, abandonado, faminto, a todos dizendo esta verdade sibilina e pungente — "Se não fôsse a Misericórdia, seria este o vosso fim". Outro — aquele que figurava o edifício onde está instalado o hospital, cuja porta era encimada por um letreiro com estes dizeres que definem a situação de todos os dias "Lotação Esgotada", enquanto, cá fora, uma multidão de pessoas solicitam socorros.

De facto, esses dois carros traduzem expressivamente a situação, e põem com clareza o problema.

Lotação Esgotada — frase que indica a necessidade absoluta e inadiável de um alargamento de instalações só possível com a construção do novo edifício hospitalar, aspiração de todo o filho de Espinho, e que neste momento se estuda com sérias possibilidades de próxima execução. O auxílio material da Junta de Freguesia de Espinho — entidade que desde a primeira hora abraçou a ideia com entusiasmo e ao serviço da sua execução (pondo todo o valimento) — e grande parte do produto do triunfal Cortejo de Oferendas a esse fim consignado, devem formar o início do contributo de Espinho para a participação que o Governo concederá, por forma a que breve se principie com a construção.

Se não fosse a Misericórdia seria este o vosso fim — frase que indica o respeito, o carinho, o interesse que a instituição a todo, deve merecer.

Portanto, para que o fim dos pobres não seja aquele, é preciso que a lotação deixe de estar esgotada.

Lógicamente, amparemos a ideia da construção do novo hospital, façamos por garantir os meios indispensáveis à sua construção e à sua vida, e, então, exija-se a resolução total do problema da assistência hospitalar. Até lá, conformemo-nos com a certeza de que — e faz o possível, e, alguma vez, mais ainda do que o possível.

A. Frederico Alcoforado



"Albardeiros" Desportivos!

(Futebois & C.^{as})

No distrito de Aveiro, apenas o futebol n erece o favor do grande público, um público desportivamente ainda em embrião, no que respeita ao conhecimento dos seus direitos e deveres.

Para dar maior amplitude ao caos do futebol aveirense deve ainda adicionar-se o pouco ou nenhum escrúpulo dos dirigentes as ociativos do distrito que tudo atropelam para atingirem os objectivos clubistas ou particulares, com evidente menor preço pelos inalienáveis direitos alheios. Chega a parecer incrível como alguns homens do desporto aveirense se conduzem e conduzem os organismos e os seus clubes, dando provas evidentes de que só muito poucos estão à altura das circunstâncias.

Andamos todos a brincar com coisas sérias, como se o poder que foi outorgado a certos indivíduos, fosse qualquer coisa parecida com uma "albarda", que justifique não só as atitudes asininas como também os respectivos "coices".

Senhores dirigentes, deixem-se de baboseiras, e interpretem os remoques que lhes são dirigidos como plenamente justificados. Não se «aparelhem» com vestes pouco recomendáveis, e, sobretudo, não teimem no uso e abuso do poder da asneira.

Uma "Postura" esquecida

Num destes tempestuo os dias do começo de Outubro, em que choveu a bom chover, por dever de officio, tivemos: que deixar o lar. Na rua, abafado: num a impermeável barata bastante permeável, fomos obrigados, a cada passo, a abandonar o "passeio", no nosso lugar de direito pela categoria de peão. Eram tufo de água, género repuxos do Lumiar; eram cataratas género Niagara; eram, enfim, passeios alagados com água de palmo. Calciras rotas, prédios sem as ditas, e cano mais ou menos esburacados despejando torrentes. Por não acreditarmos que o caso estive se regulado por quem de direito, procurámos saber o que diz o Código das Posturas Municipais. Eis o que dizem os artigos 66.º e 67.º do cap. V do dito código:

Art. 65.º — Não são permitidos beirais livres que lancem directa-

mente as águas pluviais sobre a via pública.

Art. 67.º — As águas pluviais deverão ser conduzidas do telhado para as valetas por meio de canos, junto das paredes, e passando por baixo dos passeios.

Isto é, dois artigos claros, concisos que necessitam de urgente aplicação e fiscalização. Tem a palavra a Câmara Municipal.

Ser ou não ser... um teatro

eis o dilema!!

Como é do conhecimento público, o edificio do "Café Chinês" foi expropriado para que a Empresa Espinho-Praia possa cumprir o que lhe é determinado por lei — a construção de uma casa de espectáculos.

Sabemos, no entanto, que a Empresa do Teatro Aliança, proprietária do "Teatro S. Pedro" mandou uma exposição à entidade que superintende no jogo, fazendo ver a razão que lhe assiste na defesa do elevado capital empregado na construção do novo cinema e teatro. Aponta-se que duas casas de espectáculos em Espinho, havendo já uma que preenche os requisitos necessários, são demasiadas, não dando aso a que o capital empregado renda o juro justo e normal. Também entendemos aceitável o pedido da empresa do Teatro S. Pedro, visto que à Empresa Espinho-Praia pouco deve importar a construção do teatro, ou de um conjunto de dependências servindo para exposições, conferências, um pequeno cinema e ainda uma sala especial para concertos, além da expansão das salas actuais do Casino. Na verdade não seria pior para Espinho a troca apontada. Mas, e há sempre um mas, seria absolutamente necessário que o público não fosse afinal o eterno prejudicado, para o que deveria acautelar-se que a Empresa Espinho-Praia não possa, futuramente, permitir, pelo desinteresse — o que não acreditamos — ou por outras razões, a aplicação das dependências para fins diversos daqueles para que ti essem sido criadas. Por outro lado, e dado o caso de ser atineido o fim da exposição feita pela empresa do Teatro S. Pedro, impõe-se que o "barracão" que teve o nome pomposo de "Teatro Aliança", seja imediatamente encerrado, o que nos admira ainda não ter sido feito.

Varlus

Notável e oportuna conferência

Continuação da pág.

c) Dando à obra missionária a própria pessoa.

E' a colaboração mais perfeita a que nem todos são chamados. Demanda aptidões e disposições que não são de todos, uma vocação especial.

Aos que ouvirem o chamamento divino eu direi com o Salmista: não endureçais o vosso coração, segui prontos e generosos a voz do Senhor, sem desfalecimento.

*Aqueles a quem não foi dirigido este

chamamento, aos pais de famílias, aos educadores sobretudo, eu direi: não ouseis contrariar uma vocação, não entreis em luta com Deus. Lembrai-vos que os direitos da consciência são soberanos.

Auxiliai, ampari, rodeai da vossa simpatia aqueles que abraçam tão nobre ideal. Deste modo terminou tão eloquente oração que Sua Excelência Reverendíssima, espontaneamente, quiz pronunciar em Espinho, o que muito nos honra. Uma prolongada salva de palmas encerrou esta inolvidável sessão, cuja organização se deve ao Sr. João Alves de Oliveira.



APONTAMENTOS DE CRÍTICA

"Estranha Revelação"

da Metro Goldwin Mayer

O cinema Batalha abriu a sua época com «Estranha Revelação» — «Influência Oculta» na tradução à letra do título original «Undercurrent» — um filme de categoria, assinado por Vincenzo Minelli e produzido por Pandro S. Berman. Tendo como intérpretes nos principais papéis Katherine Hepburn e Robert Taylor, a novela de Thelma Strabel forneceu à «Metro» bom material para a excelência da obra produzida. Na verdade esta obra obriga a pensar, pela justeza do estilo cinematográfico que, sendo extraordinariamente sóbrio, nos parece visão real de vidas destemperadas no seu íntimo.

Sem tiradas melodramáticas nem artificios de filme policial, fora de propósito, o filme encerra de tudo um pouco perfeitamente distribuído e oportunamente enquadrado. Não lhe falta também um bafejo de poesia, o que ordinariamente não nos é dado ver em produções semelhantes. Por todos estes atractivos que são servidos por excelente interpretação geral, particularmente de K. Hepburn, e por inexcelável realização de Minelli o filme atinge craveira elevada. Técnica e artisticamente, é uma obra perfeita que classificaria Minelli, se tanto fosse necessário. Continuam a «Metro» e o cinema americano a provar que o poder de Hollywood não é um mito.

Bernardo X6

PEÇO A PALAVRA...

Continuação da pág. 7

E' mais, muito mais: — a Escola Comercial e Industrial, a higiene e a estética locais, a construção dum Estádio Municipal (porque não?), a propaganda persistente de Espinho, como zona de turismo, etc.

Porque é bom que não nos esqueçamos: Espinho não é o Casino, a Piscina ou a Avenida e não vive apenas de 1 de Julho a 30 de Setembro.

Espinho é a sua gente: — os que trabalham no mar, nas fábricas e nos escritórios; os que empregam os seus capitais, na indústria, no comércio ou na construção de habitações; os que a valorizam, por qualquer meio, como zona de turismo; os que se dedicam ao melhoramento das condições de vida da sua população — no mais amplo sentido

Sobre este assunto muito há a dizer e a ser discutido. De boa vontade dou a palavra a quem de direito e a quem desinteressadamente se tenha dedicado ao estudo dos problemas locais.

KIM

PELO DESPORTO

ENTRADA EM CAMPO

IMCOMPREENSIVEL...

De quando em vez surgem no Desporto — como em tantos sectores — umas figuras disformes, cuja sustentação se torna absurda.

Na grande massa — o público — a abundância está proporcionada, mas, a ausência de certos meios ou poderes, neutraliza, na grande parte, todo o perigo que daquela anomalia possa resultar.

Entre os dirigentes desportivos também aparecem estes "exemplos" que, por uma vida inteira, porfiam em busta dum penacho que lhes faculte o arbítrio e a insolência — sempre a um tempo.

Mas ainda não são estes que "esboçam" as tentativas de extermínio da ideia desportiva. No seio burocrático, que não dignificam, são obrigados a viver com outros — poucos, bem sabemos — mas honestos, e, por isso mesmo, capazes de fazerem um ambiente insuportável para os que respiram das vantagens materiais, adulações, cortezias...

Mas quando estes indesejáveis se sentam nas colunas dum jornal para servirem a si próprios e à "família", então sim, então há perigo.

É certo que fazem rir ou causam náuseas a quem os conhece, mas há que contar com os crédulos e os alheios que só veem através da imprensa, com os ignorantes, com os estúpidos e ainda com os da mesma espécie — os que beneficiam da mentira.

Uns sem consciência — os condutores, — outros em perversa consciência — os beneficiados — fazem uma força bruta, inerte, dócil, para servir o despeito dos irresponsáveis do jornalismo e os interesses inconfessáveis dos conscientes.

Quantas vezes esta força é conduzida para provocar litígios que deixam feridas crónicas...

Quantas vezes se deve a esta força a falsa interpretação das palavras "regionalismo", "clubismo".

Por si próprios, não, mas no meio a que servem, são por força, olhados sem consideração. A vantagem, a indiferença e o alheamento sustentam-nos.

O pudor e o bom senso dos que bem servem o Desporto pode apeá-los dum pedestal a que, atrevidamente, subiram ou onde, confiadamente, foram colocados.

Se este pudor e bom senso não é, felizmente, uma utopia, como permanece o absurdo?

Imcompreensível...

E. S. B.

Hoquei em Campo

Foi eleito presidente da Comissão Administrativa da Associação Portuense de Hoquei o Sr. Dr. Alfredo Virgínio de Barros Pereira.

Vai ser-lhe difícil a tarefa, muito difícil, mas tudo vai ser pôsto nos eixos. Disto estamos certos, mas muito mais certos ainda do estado caótico da A. P. H.

Hoquei em Patins

Campeonato de Júniores

A. Académica (B), O
Infante de Sagres, 8

Jogo em Espinho

A superioridade do grupo visitante — grande favorito da competição — manifestou-se através dos trinta minutos de jogo sem margem para surpresa, conhecido como era de antemão o seu valor.

O cinco espinhense, adoptando táctica mais aconselhável — dois defesas, um médio e um avançado — conseguiu um resultado de harmonia com as suas possibilidades actuais.

Higino Mendes superiorizou-se aos seus colegas de equipa, tendo sido com Figueiredo, do club portuense, os melhores elementos no terreno.

A A. A. E. alinhou com: Gato, Higino, Lopes, Simplicio, Clareaño e Oliveira.

Carvalhos, 7-A. Académica, 2

Jogo em Gaia

O resultado, que surpreendeu os próprios vencedores, indiscutivelmente menos jogadores que os espinhenses, tornou-se normal para quem assistiu ao encontro.

O cinco gaiense venceu sem discussão, merecendo em absoluto o resultado. Dos seus elementos o guarda-redes e o avançado direito, marcador de 5 bolas, quatro das quais um Jesus Correia não desdenharia assinar.

Os espinhenses, que acusaram demasiado a estreia, inferiorizaram-se a si próprios não dando

uma ideia aproximada sequer das suas possibilidades. O decorrer do campeonato dar-lhes-á a necessária calma e, então poderemos assistir a boas exhibições da sua parte.

Alinharam pelos académicos: Nascimento, Manuel Silva, Mário Gaioso, Rodrigo, Carvalhas (2) e Barros.

2.ª Jornada

Jogos no Rink das Cavadas
Estrela e Vigorosa, 5
A. Académica, 1

A equipe B dos Espinhenses embora defrontando um conjunto superior, fez exhibição meritória a demonstrar uma subida de de forma digna de ser assinalada. Tendo marcado primeiro, apoiou-se numa exhibição valorosa do do seu guarda-redes para lutar com ardor numa demonstração de alto espirito desportivo.

Marcou a bola da A. A. o seu avançado Clareaño.

Formaram o cinco espinhense: Gato, Higino, Lopes, Clareaño e Oliveira.

Estrela e Vigorosa (A), 2
A. Académica (A), 2

O conjunto mais representativo dos estrelistas, apesar de jogar em ambiente amigo, não conseguiu vencer os académicos espinhenses que puderam desta vez fazer uma exhibição mais de acôrdo com as suas possibilidades.

O árbitro deste encontro, por sinal o autor destas linhas, encoberto no momento da entrada e saída rapidíssimas da 3.ª bola da A. A. tirou aos jovens hoquistas uma vitória que seria a todos os títulos merecidíssima.

Alinharam e marcaram pelo cinco espinhense: Nascimento, M. Silva, Gaioso, Rodrigo (1) e Barros (1).

Os resultados dos restantes encontros foram os seguintes:

Escola Livre, 2 — E. Vigorosa, 0
Académico, 2 — E. Vigorosa (B), 2
Carvalhos, 3 — Escola Livre, 1
I. Sagres, 6 — Académico, 0

Virgínio

Seleccção do Norte

Francisco Rezende e João Gonçalves foram convocados para treinos de apuramento de jogadores para a seleccção do Norte. Abel Santiago, retido em Tavira pelo curso de Sargentos Milicianos, não pôde ser convocado.

De boa fonte sabemos da boa exhibição de João Gonçalves e da provável inclusão deste elemento na Seleccção do Norte, em que Rezende actuará como suplente.

Mais um motivo de satisfação para a Académica — na boa hipótese — que, há já muito tempo, poderíamos ter sentido por uma mais justa indicação de J. Gonçalves de parceria com Abel Santiago.

Voleibol

Para encerramento da época de Voleibol a A. V. P. leva a efeito um torneio para o qual instituiu as taças: "Comércio do Porto", "Higino Pires" e "A. V. P."

É para nós motivo de satisfação ver fazer-se justiça a um nome do qual o Voleibol norteño tanto beneficiou.

Atleta, árbitro, dirigente, Higino Pires sempre soube impor-se, impondo, consigo, a A. A. de Espinho.

Basket-Ball

Com a aproximação do início da época desta modalidade, a Associação Académica de Espinho começou a treinar os seus atletas, que disputarão o Campeonato Regional de Aveiro.

Os treinos começaram na segunda-feira passada, á noite, no Rink de Patinagem, e notou-se o aparecimento de alguns "novos" verdadeiras promessas no Basket, e de todos os "velhinhos" das épocas anteriores.

É de crer que os académicos espinhenses façam marcar a sua presença no Campeonato que se avizinha, atendendo á vontade com que se lançaram á preparação.

Oxalá não esmoreçam, porque ter "vontade de querer" é ter meio caminho andado para o almejado título.

Sinceramente o desejamos.

Abel de Oliveira

Antigo jogador de futebol do Sporting Club de Espinho, praticante de várias modalidades — distinto até naquelas a que mais se dedicava —, dirigente da A. A. de Espinho Abel de Oliveira tem imposto em África, como cá, as suas excelentes qualidades de desportista e de muito competente juiz de campo na modalidade de futebol.

Soubemos ainda por jornais do Ultramar que tem pôsto á prova as suas boas qualidades de treinador.

Parabens e felicidades.

Atitude Nobilitante

Se a crítica, sempre necessária, é feita no nosso Boletim sem receio de melindre, o louvor ficará sempre registado nestas colunas sem a mínima intenção de lisonja ou recompensa futura.

Deste modo, apraz-nos mencionar a atitude reveladora de tempera de verdadeiro desportista, que tomou o Sr. Eng. Durval, chefe da secção de Hockey em Patins do Académico do Porto, ao apoiar sem a mínima hesitação o desejo da A. A. E., no sentido de adiar a repetição das corridas marcadas para o dia 17-X-47. Apesar de o atleta académista, C. de Brito, se encontrar dispensado do treino de seleccção realizado no dia 16, e João Gonçalves ser obrigado pela sua situação de simples candidato a seleccionado a tomar parte no mesmo, o Eng. Durval concordou com o adiamento colocando deste modo os dois atletas em condições de igualdade.

Digna de louvor a sua atitude, infelizmente tam rara nos meios desportivos.



Direcção de: Florantino Goulart Nogueira

Rascunho acerca dos géneros literários

pelo romancista M. Afonso Ribeiro

Manuel Afonso Ribeiro nasceu em Mouta (Macinhata do Vouga), no ano de 1893. Emigrou aos 14 anos de idade e aprendeu, na luta pela vida, o valor dramático que a vida significa. Já no tempo da Monarquia colaborou em jornais republicanos, mas actualmente abandonou a política, embora haja ainda quem veja política no realismo doloroso, gritante, sombrio ou esperançado de certas suas obras de ficção. Hoje, publicamos uma parte de notas críticas que M. Afonso Ribeiro escreveu para nós. Noutra ocasião, o «Boletim» publicará, do mesmo escritor, um trecho do seu romance inédito «Caminho».

1 — A Literatura é uma Arte.
2 — Arte é o que o homem faz intencionalmente e impulsionado pela emoção.

a) A emoção é receptiva ou criadora. Esta gera obras artísticas; aquela impressiona-se perante as obras artísticas.

1 — A Literatura é uma Arte que se revela através das palavras escritas formando ideias — para um conjunto artístico.

3 — Entre os géneros literários contam-se: o Romance, a Novela, o Conto, a Reportagem, o Teatro e a Poesia.

4 — O Romance

O Romance é uma história em que a intriga (o entrelhe) tem primacial valor (— conta-se alguma coisa...). Também há reservado um papel importante para a sua extensão (— se a história é curta, é uma Novela). Qual o avô do Romance? O Conto. Qual a sua mãe? A Novela de cavalaria.

Mas o Romance não é uma história verdadeira, embora seja uma história verídica. E não se reduz à imaginação: emana da realidade. E, de mistura com interpretação, faz, sobretudo, descrição.

Logo:

Romance é uma história extensa, fictícia e verídica, com uma intriga assente na realidade.

5 — A Novela

Novela é uma história curta, fictícia e verídica, com uma intriga assente na realidade.⁽¹⁾

6 — O Conto

O conto é uma narrativa, em que, por assim dizer, não se conta nada... Nasceu para entreter e ainda hoje o escrevem e o lêem... quasi por desfastio... Não é uma construção inteligente ou interpretativa. Se interpreta, deve-se tal à sua proximidade com a Poesia, à sua natureza sintética resultante da apreensão totalitária da emoção (— a emoção apreende um conhecimento verdadeiro, profundo e total das realidades). O conto, pois, funciona como um instantâneo, um apontamento, um pormenor simples e revelador. No conto, não se descreve uma coisa, escreve-se sobre essa coisa. Mas

um facto... — o conto, dele se gera ou nele se espraia ou para ele se endereça ou gira-lhe à roda. E atentemos: o conto é Arte. E atentemos no que é a Arte. Donde, para evitar confusões, tiraremos que o conto é obra da emoção.

7 — A Reportagem

A Reportagem é uma narração descritiva. A sua categoria artística está no modo como escolhe, ordena, sequencia, conjuga e explica. Contudo, representa um género literário inferior. Quando o seu valôr cresce (quer dizer, quando a emoção mais intervem, criadora), aproxima-se do Romance ou do Conto. As viagens, as descrições de paisagens, de modos de vida e de acção, as notícias parciais ou completas de objectos, de conhecimentos, de seres vivos — são Reportagem. Não tanto a inteligência; a emoção, principalmente, fornece a pedra de toque para seleccionar meios, pilares e cumes de expressão. Por isso a Reportagem é Arte. Mas a Reportagem é uma narração descritiva (sem redundância nem pleonismo).

8 — O Teatro

Não se trata do Teatro-Espectáculo. Trata-se do Teatro-género literário. O primeiro só se completa quando representado num palco. O segundo é, por vezes, irrepresentável. Aquele fica menos Arte quando apenas lido. Este queda menos Arte quando o representam. O Teatro-Espectáculo precisa das vozes, da luz, do palco, das roupas, dos gestos, das perspectivas, do cenário, enfim. O Teatro-género literário requer mais a colaboração do leitor. Que a imaginação do leitor possua largo espaço onde coloque formas, ambiente, atmosfera — como preferir. Lê — e idealiza.

Mas o que é Teatro-género literário? Romance? Novela? Conto? Reportagem? Poesia? Qualquer dessas coisas dum modo diferente. Primeiro: expressa-se em diálogos (há permanente troca de falas). Segundo: é mais humano (no sentido de o comporem homens) — pois mesmo quando nele actuam seres não-

Continua no «Suplemento» pág. 1

CINEMA

por Roberto Nobre

Nasceu no Algarve, no ano de 1903. Temperamento de artista e apurada visão crítica. — Roberto Nobre distinguu-se pelas suas qualidades de sentimento e de inteligência. Pintor e desenhista, crítico cinematográfico do melhor estofa, colaborou em «O Diabo», «Seara Nova» e noutros jornais e revistas. Espírito seguro e independente, os seus escritos marcam sempre uma posição sincera e desinteressada. «Amigo da cultura e da sua difusão» como nos escreve numa carta, cede hoje ao «Boletim» estes esclarecimentos de

HORIZONTES DE CINEMA

O que vai ler-se não é a resposta total à pergunta «Para onde vai o cinema?». Pretendo, apenas, sublinhar mais profundamente a subjectividade futura duma arte, tida por quasi todos como fotográfica e objectiva. Começarei, antes de mais nada, por enunciar as tendências mais salientes. Nesta exposição tentarei ser o mais imparcial possível, embora tire as conclusões que sinceramente correspondam à minha concordância.

Chamo a atenção desde já para o facto da afirmação, por mim feita, de que «cinema não é uma arte plástica» não significa a recusa, antes, pelo contrário, de reconhecer viabilidade e extraordinário fulgor ao chamado cinema visual, quando este obedece a um ritmo de beleza profunda e não é apenas uma série de quadros. Isso significa que se deve pedir ao cinema que não tenha a plástica «exterior» por fim e antes utilize esta com uma intenção subjectiva, que pode muito bem deixar de ser a de narrativas de conflitos humanos, a que vulgarmente se dá o nome de ficção.

Tenho sido sempre um entusiasta defensor do documentário estético, mas quando ele exprime uma intenção intelectual e emotiva e não é só uma sequência de imagens bonitas, apenas pela beleza «plástica» das imagens.

Declarado isto, vejamos, nas suas linhas gerais, o debate de tendências doutrinárias, que têm surgido no cinema.

Os doutrinadores que desejam ver afastar-se absolutamente o cinema do teatro, dividem-se em dois grupos que são extremos: o das sinfonias de imagens, e o dos que, aproveitando a faculdade «fotográfica» do cinema, querem que ele seja ficção, mas realista, dum realismo directo.

Os primeiros dizem: o cinema não deve ir além do documentário estético, e, em ficção bastam-lhe os bonecos animados, pois, isso sim, é «seu». São os que se chamam a si próprios defensores do «cinema puro», herdeiros directos da «melodia silenciosa», e

Em Janeiro de 1948 começaremos a publicar uma Separata Cultural do Boletim. Terá 16 pág. do form. 20x27 e incluirá secções de: Ficção em Prosa, Poesia, Crítica literária, Espectáculos, Artes Plásticas, História, Filosofia, Vários Assuntos.

pretendem que a sétima arte seja um espectáculo puramente visual, que apenas pelas imagens e pelo ritmo, dê tal sugestão de beleza abstracta que a intromissão de um entrelhe não seja senão macular a sua esplendorosa altitude. Afastando-se da ficção, este cinema aproxima-se, pela própria essência da sua doutrina estética, da música, como ele arte do ritmo pelo ritmo. Foi então que Maurois escreveu «La poésie du cinéma» em que se pedia ao cinema um ritmo poético sem palavras dando á poesia o clássico sentido de música das palavras que vai além do significado prático das palavras. Para alguns as imagens deverão ter apenas intenções meramente plásticas e suceder-se sem outra lógica, além da de, por sua cadência, causar um deslumbramento de beleza visual. Por vezes, chegou-se a pedir que essas imagens fôssem apenas sombras indistintas, esfumadas e imprecisas para lhe quebrar todo o parentesco com o real. Disto nos falam os livros de Delluc, de Epstein, de Altman, de Schwob e de Moussinac, não esquecendo Vertoff e Eisenstein.

Paralelamente tem existido outra corrente, que tomou sempre maior incremento por mais assimilável pelo público e que considera o cinema com intuitos caracterizadamente objectivos a que o poder da sua realidade «fotográfica» dá possibilidades que ultrapassam as da própria literatura realista. Utilizando ou não a ficção, ele poderá, melhor que o próprio romance, segundo a opinião deste sector, dar a sensação da verdade, da humanidade, da realidade, dentro da doutrina da filosofia naturalista. Acresce que a valorização do pormenor, desejada por Flaubert e Zola no seu sentido objectivo, ou, modernamente por Proust, Gide, Joyce, Huxley e outros, no sentido subjectivo, é, por natureza, um dos seus grandes recursos, pois o cinema tem ainda mais facilidade que a prosa de recolher «directamente» esse pormenor, sublinhá-lo, e avolumá-

Continua no «Suplemento» pág. 1

SOLCRIS

...é um store

ARMAZEM DE MERCEARIASCereais — Toucinho
Gorduras — Sabões**Aires & Magalhães, L.da**

605 — RUA 22 — 609

(Em frente aos novos Paços do Concelho)

Telefone 342
ESPINHO**Pintura à pistola****SOPINTAR****Chapeiro — Estofador**

Rua 62 n.º 574

ESPINHO**DUARTE & C.**

— Armazenistas de Merceria —

Rua 19 - **ESPINHO**

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO:

Mercearia Porto **ESPINHO**

Praia dores, 104 - Tel. 3771

— **GAIA** —

Rua Dezanove - Telef. 10

SABOARIA ATLANTICARua 26 **ESPINHO****Cadinha & Couto**

Armazenistas de Merceria

Azete, Cereais, etc.

RUA DESIOTO
Telefone, 52
ESPINHO**DIAS & IRMÃO, L.DA**

Armazenistas — Merceria fina

Unicos agentes oficiais do concelho
de Espinho dos Radios PHILIPS

Rua 8 n.º 583

ESPINHO

Telefone 60

ANTES E DEPOIS DO CINEMA VÁ AO

SOL D'OIRO

(PEGADO AO TEATRO S. PEDRO)

RUA OITO

(Caves da Sede do Sporting Espinho)

Cervejaria, Café, Bar com
secção de Hólega RegionalARMAZÉM DE MERCEARIAS FINAS
— CHÁS E CAFÉS —
GRANDE DEPÓSITO DE CONSERVASTELEFONE N.º 37
APARTADO 37**União Comercial de Espinho, L. da**

ARMAZENISTAS

FÁBRICAS DE:

TORREFACTÃO E MOAGEM
LICORES E XAROPES
— UNIAO —

Rua 19 — 409 a 421

ESPINHO**PADARIA PROGRESSO**

DE

Manuel Maria Valente**DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIOS**Fabrico esmerado de todas
— as qualidades de pão —Telefone 6 (PARAMOS)
SILVALDE**PADARIA MECANICA****A PÉROLA DE ESPINHO**

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo
bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos
mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»
ENTRADA LIVRERUA 16 — 231 — Telefone 84 **ESPINHO****FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS**

— VENDAS POR JUNTO —

Baptista & Oliveiras

Unicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimenticias «Mila-
neza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.da
Fábrica Portuguesa de Fermentos Ho-
landeses, L.da
ADUBOS «S. A. P. E. C.»Tele. fone. 21
gramas: FARINHA:
APARTADO. 5

Rua 62-ESPINHO

PADARIA PRIMOROSA

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especia-
lidade em fabrico de pão de milho— **ESMERO E ASSEIO** —Rua 14, 833 **ESPINHO****COLÉGIO DE S. LUIS**Curso geral e complementar dos Liceus (1.º 2.º 3.º ciclos) e admissão ás Universidades,
instrução primária e curso comercial

O Colégio mais frequentado do Distrito de Aveiro e que maior número de aprovações obteve nos exames oficiais

PRAIA DE ESPINHO

SÉ BOM SÓCIO
DA
ASS. ACADÉMICA
ASSINANDO O
Boletim

Boletim

SÉ BOM ASSINANTE
DO
Boletim
ANGARIANDO
ASSINANTES

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

TRIBUNA

O Problema da Assistência

A SANTA CASA DA MISERICORDIA DE ESPINHO

III

A série destes artigos em que se pretende focar o problema da assistência no concelho de Espinho, deveria ter fechado o capítulo referente à Santa Casa da Misericórdia, com as considerações alinhadas no último número. Realmente, publicados os números estatísticos definidores de uma acção assistencial que só por si afirma toda a grandeza dessa prestimosíssima instituição, e ditas as precárias condições económicas em que essa acção se desenvolve, parece que estaria esgotado o assunto.

No entanto, perdoe-se-nos que ainda a ele voltamos, uma vez mais.

Há uma confusão que oportuno é esclarecer.

A Santa Casa da Misericórdia de Espinho, instituição de assistência e caridade com poucos anos de existência, parece ser hoje tida por alguns, como a entidade sobre quem recai a obrigação de resolver todo o problema assistencial do concelho, pelo menos, todo o problema na parte restrita do capítulo *assistência na doença*.

De facto, a Misericórdia de Espinho, como consequência de uma série de circunstâncias favoráveis, nesta meia dúzia de anos de vida, teve a felicidade de poder criar um campo de influência médica efficacíssimo a que se recorre confiadamente, como em qualquer grande cidade do país. Para isso contribuiu a grande competência técnica do quadro clínico completíssimo de que em Espinho é possível dispor, e o desinteresse absoluto dos médicos illustres que o compoem. Parece-me não ser atrevida ousadia afirmar que, em nenhuma outra terra de província, um hospital disporá de um quadro clínico como este que serve a

Santa Casa da Misericórdia de Espinho, e a serve sem que do seu trabalho aufira a mínima remuneração. E assim, daquelas duas ou três camas que primitivamente formaram a capacidade do hospital, passo a passo, de transigência em transigência, foi subindo a sua lotação, até aos trinta e sete leitos de que hoje dispõe.

Da luta e abnegação que foi preciso dispender para criar a receita indispensável ao custeio da sustentação desses leitos, sabem-no aqueles que teem estado á frente dos destinos da instituição. Mas essa receita appareceu, e os leitos continuam ocupados, permanentemente ocupados. Simplesmente, se as camas não deixam de ter doentes a ocupá-las, a verdade é que a despesa absorvida por cada doente que busca no hospital o remédio dos seus padecimentos, por virtude do encarecimento geral da vida, aumentou desmedidamente.

Por isso, se outras gerências se bateram num angariar de receitas que permitisse o aumento de movimento que desejava imprimir e era solicitado, as gerências de agora debatem-se com o problema angustioso de, com um movimento de cada vez maior, com uma receita menor fazerem face a toda a despesa que esse movimento implica.

E assim, a missão voluntária que a Misericórdia assumiu, de prestar assistência caridosamente

a pobres, dentro dos limites dos seus recursos orçamentais, foi ultrapassada pela missão que o hábito lhe outorgou de suprir a falta de um hospital oficial que — esse sim — tivesse a obrigação de prestar a assistência hospitalar a todos, sem limite de orçamentos ou com recurso fácil a verbas de que a Santa Casa nunca pode dispor. Quer dizer: á Misericórdia de Espinho se confiou o encargo de prestar assistência hospitalar aos pobres do concelho, mas não se reparou no pormenor importantíssimo de assegurar uma receita certa, capaz de suportar o custeio dessa despesa elevadíssima. E a verdade é que, cabendo á Câmara Municipal a missão de promover o internamento de doentes pobres — enquanto não decida transferir a missão para a Comissão Municipal de Assistência, entregando para esse fim a esta 10% da sua receita bruta (dec. 35.108) — em Espinho, essa missão está inteiramente a cargo da Misericórdia que, no ano corrente, subsídio algum recebeu da Câmara Municipal.

Ora, aqui, está a confusão.

Realmente, se alguma entidade tem a obrigação legal de promover o internamento de doentes, essa é a Câmara Municipal. — Que, por virtude da existência de um hospital em Espinho, se — promova que o internamento seja nele feito é absolutamente lógico. Mas que, em

contrapartida, se assegure a este hospital, por meio de um subsídio certo, uma fonte de receita que permita fazer face a alguma despesa dos internamentos desses doentes pobres. Enquanto isto não suceder, a Misericórdia de Espinho viverá a sua vida grande de entidade que voluntariamente assumiu o encargo de caridosamente prestar assistência hospitalar a pobres, mas não aceita esse encargo como obrigação que antecipadamente sabe não poderia cumprir, por falta de receita suficiente. Porque, se o encargo é certo, a receita é contingente, variando ao sabor do capricho de um donativo que se entrega ou não, ou de um subsídio que devia receber-se e não se recebe.

Há que dizer-se claramente — a Misericórdia de Espinho, tem assegurado como subsídio certo, a quantia de doze mil escudos anuais que recebe do Governo da Nação.

Pergunta-se. A uma instituição que tem esse subsídio, pode humanamente, exigir-se uma assistência hospitalar total?

E não se abordou ainda o pormenor interessantíssimo daqueles que, por falta de compreensão, entendem que desde o momento em que algum dia entregaram um donativo mínimo á Misericórdia, por esse facto asseguram o direito de recorrer a todos os serviços clínicos de que a instituição pode dispôr ao serviço dos pobres. E o daqueles que, um dia internados e recebendo tratamento que na maioria dos casos supera aquele que em suas casas se oferecem mesmo só em dias de festa, não se cansam de reclamar ou maldizer desse tratamento. E o daqueles outros que, embora sabendo que o hospital está repleto, se zangam pois

Continua na pág. 4

FOLHETIM MENSAL

Por: José Corte-Real (PEPE)

QUE ISTO DE SER...

ANTI-BURGUÊS...

Que isto de afirmar-se anti-burguês tem certas vantagens.

Não é necessário certidão de idade ou diploma do curso dos liceus. Porque ser anti-burguês de facto, é bem mais difícil. Anti-burguês é um Torça e não me consta que faça da sua Arte uma Babel de ideias; Anti-burguês é um Jotão de Sena e não nos afunda num mar revoltó de ideias cáoticas.

Há muitos (e bons) anti-burguêses — Estudaram, viveram a vida, interpretaram sentimentos, rasgaram almas... e criaram.

Mas os anti-burguêses que eu conheço são de um extremismo feroz. Para eles, ser anti-burguês é escarrar no chão, numa atitude de superior inteligência. Na poesia dignam-se parodiar a prosa, — prosa que só eles interpretam e sabem compreender; na pintura criam o mamarracho politermico.

— A minha poesia possui um Sentimento e uma Verdade, que tu, Burguês, não compreendes!

E o "Burguês" assnaticamente, compra-lhes os "poemas" e dá-lhes um lugar na sua respeitável biblioteca.

— A minha pintura é futurista e profundamente social; só tu, Burguês, jámais a compreenderás!

E o "Burguês", asinbinamente, compra-lhe os "quadros" e exhibe-os na sua valiosa galeria.

Isto de se dizer incompreendido é um modo de ocultar a sua incompetência.

— Mas os críticos...

Meus senhores: isto de críticos é outra loiça. Um bom crítico (burguês ou anti-burguês) avalia uma obra e diz-vos o que ela vale sob determinado prisma.

Mas o que também há, são críticos de calibre igual ao dos tais anti-burguêses que escarram no chão.

Que isto de ser burguês ou anti-burguês já vem de longe. Há homens para quem o cabelo de ouro da sua Dulcineia, é um tesouro; outros há para quem o pão representa a Vida; há uns que nascem em fôfo colchão de penas e outros que nasceram entre as palhas duma enxérga; uns tiveram a alegria como companheira, outros a fome como camarada.

Que isto de ser burguês ou anti-burguês traduz apenas uma posição tomada perante a Vida — o que me parece justo e racional.

Mas isto de escarrar no chão, numa atitude de profunda superioridade, é outra história! Que isto de se afirmar génio ou génio incompreendido... é fácil — basta ser-se megalómano.

Que torcer-se o nariz, encolher os ombros perante uma Obra de Arte e afirmar com voz depreciativa: *Espirito burguês!* — também é fácil.

... Tudo é fácil para estes anti-burguêses, que eu conheço...

— Somos uns incompreendidos!

Esta afirmação é repetida a cada passo.

É uma afirmação justa e indiscutível!

São uns incompreendidos!... São-no de facto, não tenham dúvida!

.....

Após as guerras, as fileiras da burguesia aumentam. Os novos-ricos invadem-na, abarrotados de ouro e pobres de espírito.

São eles que vão alimentar a fauna parasita dos anti-burguêses que eu conheço.

E com o aumento da classe burguesa surge um aumento proporcional de espíritos e vampiros anti-burguêses. É a Lei Eterna das Compensações!

Porque isto de ser anti-burguês de facto, é mais difícil do que muita gente julga e não é, apenas, mera afirmação!

.....

Nota — As opiniões expressas nestes artigos são de responsabilidade do Autor. Representam pontos de vista que ele não pretende compartilhar com Ninguém e sobre os quais não tem discussão, porque, já o disse António Ferro, discute-se a si próprio.



SOPRO DE VIDA

Esboço de um ensaio sobre a Arte

Continuação do n.º 2

A alma é imagem de Deus, sopro divino. Por ela, Deus nos fez a Sua imagem e semelhança. E Deus E' e Cria (Pai), conhece-Se (Filho) e ama-Se (Espírito Santo). A alma também ama, conhece, ordena e cria. Vamos tratar de três processos que ela emprega: a emoção (ama e conhece), a inteligência (compreende e ordena), a vontade (realiza e cria). A emoção está voltada para o interior, a vontade para o exterior, a inteligência liga um ao outro. A emoção é sintética, a inteligência é analítica. Aquela pode alcançar o conjunto, enquanto esta só pode atingir pormenores.

Há uma unidade universal. Dentro dela, há as afinidades de todas as coisas. Estas afinidades produzem a atracção mútua de todos os entes. E esta atracção chama-se amor. Ora a emoção é um frémito desse amor. Portanto, a emoção está mais próxima da totalidade e da profundidade — do que a inteligência feita para a ordenação lógica e para a visão exterior. A emoção apreende o mistério. A inteligência não o apreende. Mas já Teixeira de Pascoais disse que "o mistério é a alma ignorada das coisas". A inteligência só lhes atinge o corpo. Ora a Arte é um produto da emoção com a inteligência. Portanto é compreensível a afirmação de Hegel: "O Mundo da Arte é mais verdadeiro que o da Natureza e o da História". E tem o mesmo sentido — a explicação emotiva é superior à emoção inteligente — a frase de Gustavo Le Bon: "O irreal é, nalguns casos, mais verdadeiro que o real". Perdêmos-nos mais umas citações para abonar o que estamos expondo. Em "Thaïs", Anatole France, pela boca de Zénothémis, proclama: "E', não pela reflexão e pela inteligência mas antes pelo sentimento que se atingem as verdades mais altas e mais puras".

Nietzsche deixou, em seus escritos, este acerto: "O homem é qualquer coisa que deve ultrapassar-se, é um ponto e não um fim, vive menos no presente do que no futuro". De facto o homem volta onde saiu. Advindo de Deus, a Ele deverá tornar. Ele — o futuro, o conhecimento total — arrasta-nos. O íntimo e obscuro impulso para Ele é um trabalhoso ascender imperado pelas raízes de nós próprios. E, aspirando o perfume das raízes, reconstituímos a visão e a ideia da floresta. Este aspirar é a

emoção artística ou a religiosa — (toda a emoção artística participa e é, até certo ponto, forma da religiosa). O artista possui algo de sacerdote, de consagrado, de adivinho⁽¹⁾ e até de redentor. "O grande artista genial, quando a aspiração o deslumbra, irmana-se com o santo"⁽²⁾. E a razão é simples. "De longe em longe, por um acidente feliz, surgem homens cujos sentidos ou cuja consciência estão menos aderentes à vida. ... Não percebem já simplesmente em vista de acção; percebem por perceber — por nada, por gosto. ... A arte faz-nos descobrir nas coisas mais qualidades e mais cambiantes do que os que nós percebemos naturalmente, ... dá-nos uma percepção mais completa"⁽³⁾.

Já vimos que o processo da criação artística é a emoção atingindo o real profundo, transportando-o à inteligência e esta, com o concurso da vontade, realizando a obra de Arte. Se, portanto a inteligência (que só vê o real aparente) pretende determinar a geração artística, vai usurpar o papel da emoção ou torcer-la, a emoção livre e não-peável. E a Moral? E o interesse das sociedades? E... Perdão. Mas a Arte não tem outro fim senão ela própria, quer dizer, a satisfação das necessidades emotivas. É moral? Tanto quanto é divina, quer dizer, quanto é Arte. E' útil? E'-o tanto quanto satisfaz, quer dizer, pleniza. A sua função não consiste em servir directamente as sociedades, quer dizer, as suas ideias, as suas leis, ou os seus interesses; mas em servir espiritualmente os indivíduos e, conseqüentemente, as sociedades. O'scar Wilde cometeu um erro, escrevendo que "a Arte é perfeitamente inútil". Não. Pois tudo o que nos satisfaz é útil; ou é prejudicial se houver uma utilidade maior de que ele nos prive. Mas nunca é inútil.

(1)—Já alguém escreveu que "ser psicólogo é meio caminho andado para ser profeta". Ora da ciência da alma, o melhor mestre é a emoção.

(2)—Guerra Junqueiro, «Prosas Dispersas».

(3)—Bergson, «La Pensée et le Mouvant».

Continua

No próximo número, um conto inédito do escritor francês **Guillaume Teine**

GÊNEROS LITERARIOS

Continuação da pág. 6

-humanos, estes humanizam-se (agem à maneira de homens). Terceiro: é conversível em um dos outros gêneros literários.

Isso, conjuntamente, define o Teatro de que tratamos.

9 — A Poesia

Poesia é a Arte no seu estado de maior pureza; é a perfeita e sóbria correspondência entre a ideia e a forma e entre a emoção e a expressão.

Quanto mais a Arte fôr Arte, mais emociona o paciente. A Arte, assim, filha da emoção é ainda geradora de emoção. Na obra de Arte perfeita, tudo se dirigiria para este fim irrevogável: a emoção. Ora a Poesia é o gênero que mais se concilia com este preceito. Na Poesia, devem existir apenas as palavras indispensáveis e as mais próprias. Cada palavra tem uma função e representa um pilar visível e vital do edifício completo. Cada palavra traduz (e o mais perfeitamente possível) uma ideia que significa a alma dum corpo. Sem qualquér dessas palavras, o corpo — a Poesia — adocece... e talvez morra. Isto é a Poesia perfeita — a Arte perfeita, portanto.

Mas, na medida em que a Arte literária cumprir esta regra, nessa medida é Poesia — e Arte perfeita, conseqüentemente.

10 — Verdade, verdade, — nenhum gênero literário está justamente definido, nem tem limites certos e imutáveis. O gênero menos impuro é a Poesia. O Romance possui algo de Teatro (os diálogos e as passagens de acção mais intensa), algo de Poesia, algo de Reportagem... E uma Novela extensa está próxima dum romance curto... E um Conto com certo entrecho está perto da Novela quasi sem intriga.

11 — Toda a obra artística tem uma forma. Toda a obra artística é um produto da emoção (não apenas), mas realiza-se em formas. Visto isso, a emoção precisa dum forma aderente a ela, nela exacta, conforme a ela. A forma há que ser perfeita relativamente à emoção. Só serve se traduzir esta; e outra qualquér não pode servir.

Vejam o problema do estilo.

12 — Mas... a Literatura é uma arte da natureza da Música, da Escultura, da Pintura, etc.? As letras escrevem-se para significar palavras que pronunciamos. A Literatura seria, mesmo dita em vez de escrita (apenas sofria em perenidade e expansão).

Conclue-se que é preciso: tratar do problema do estilo. No próximo número aflorá-lo-emos.

CINEMA

Continuação da pág. 6

-lo a todo o tamanho do écran, como documento humano ou "detalhe" psicológico, possibilidade esta de todo vedada ao teatro.

Os partidários do "cinema abstracto" caminharam por evolução para o documentário e aí fizeram maravilhas. Ruttmann fez a sua inquecível *Sinfonia de uma capital*, René Clair os seus singulares *Paris qui dort* e *Entr' Act*, corrente que se prolonga hoje com Flaherty, Eisenstein, Vertoff, Joris Yven, etc..

Por sua vez, mais acarinhados pelo acolhimento do público, os partidários do cinema, no sentido de ficção, multiplicaram as suas obras. Mas neles se notaram logo duas tendências divergentes. A realidade é uma cousa objectiva? Não é o sonho uma "realidade"? O subtil, o íntimo, o profundo, não os poderá dar o cinema? Uma procurou a ficção pelas sendas do irreal, do desumano, do estranho. A outra continuou positiva, humana no sentido objectivo e... fotográfico.

Nenhuma outra arte pode "realizar" o sonho como o cinema, afirmou-se. Desde os "mundos fantásticos" das obras de Méliés, logo nos primeiros passos do cinema, a poesia singular que irradia da própria personalidade de Charlot e que faz conceber o seu histrionismo num mundo especial de humanidade e fantasia poética, desde o *Gabinete do Dr. Caligari* aos *Niebelungos*, até a alguns filmes de Epstein e de René Clair (*A queda da Casa Usher* e *A nous la liberté*), o cinema encontrou sempre clima propício no sobrenatural, criador de um mundo novo apenas entre-senhado, puramente convencional e puramente seu. A' poesia sucedeu idêntica desintegração, pois através dos séculos criou para ela própria o chamado "mundo poético" que atingiu o delírio por vezes, onde falam as flôres, os beijos e as saudades, as almas vôm e as rosas têm ciúmes. Esse mundo interiorizou-se e hoje abrange o mais subtil e singular da alma humana. A música também criou outro, mantendo em sua volta um "clima" feito de sugestões de tudo o que é pávido, deslumbrante e lânguido. Todas essas três artes teriam assim para si próprias "mundos" especiais feitos de convencionalismo, mais ou menos profundamente desintegradas do conhecimento humano e verdadeiro do "real."

Mas os doutrinadores do cinema naturalista argumentaram logo com princípios igualmente valorosos.

POESIA

Uma Poesia

de Renato de Valnegro

Renato de Valnegro é o pseudónimo dum poeta novo cheio de talento e de vontade. Completamente inédito, cabe-nos a honra de o revelar ao público. A poesia que hoje publicamos pertence à primeira fase de Valnegro. Com produções dessa fase será tomado o livro a sair brevemente «Peixes, Estrelas e Homens». Mas a sua melhor obra que R. de V. prepara cuidadosamente é «Ritmo», poesias que constituem uma verdadeira obra de Arte, um livro que vai ser falado... Prometemos que, mais tarde, daremos uma pequena amostra do que esse volume trará para a Literatura Portuguesa.

Por agora, saboremos este inédito de Renato de Valnegro.

M Ê D O

À meia-noite, os ratos brincavam na cozinha.
Um fez um buraco na caixa da farinha...
Saiu todo empoadado de branco e os ratos chia-
[ram todos cheios de riso!
E foi o dia de juízo! Barulho... Uma festança!...
Os ratos armaram correrias e uma dança!

Era frio e de azulejos, frio e liso,
O pavimento na ala do outro extremo.
A casa enorme onde diziam que entrava o demo,
A casa extensa onde diziam que entravam
[anjos,
Era um piano onde a noite tocava arranjos.

Na cozinha brincavam ratos.
Nos corredores estupefactos,
Velavam o pó, o silêncio e a fantasmagoria.
E fantasmas sem memória andavam na ala de
[azulejos, muito fria.

Os monstros e os ladrões saíam do sono da
[criança
E desfaziam aquela hora antecessora e mansa.
E tropeavam nas portas do quarto do menino
E abanavam-lhe o coração tão pequenino!
Tão pequeno como grandes seus corpos que
[enchiam tudo,
Sem pêso, esmagadores, como trovões no
[quarto mudo.

O menino, então, levantava-se, a gritar,
E abria aquela porta que ia dar
Ao aposento em que seus pais, adormecidos,
Não tinham, como ele, assim uns olhos e uns
[ouvidos...

A Mãe erguia-se e vinha para êle, em so-
[bressalto,
E, ao olhá-la, o menino já não chorava alto.
Atirava-se ao colo dela e quando ela o abraçava,
Ele, baixinho, muito e muito soluçava,

Estendia-se um manto de frio na casa enorme
[e escura.
Mas, no rosto do menino, secava lágrima inda
[pura...
Há calor nos braços maternos e há oiro na
[cabeça
Do menino que adormece...

Noite espessa.

ORIGINAIS

Pedimos desculpa aos nossos leitores de não publicar alguns dos artigos anunciados. Igualmente rogamos aos vários escritores, graciosamente acedentes às nossas solicitações, que nos perdoem o adiamento. Mas a tanto nos obriga a falta de espaço.

Uma Poesia

de Vasco da Lima Couto

A geração agora de 20 anos escreve uma poesia utilitária, anatómica ou esquemática, social quase política, geométrica, intelectual quase árida. Afirmam-se, no entanto algumas excepções: o simbolismo saudosista de Duarte de Montalegre; a serenidade clássica de Miguel Trigueiros; as poéticas descrições, num filosofismo fechado, de Jorge de Sena; os ecos de Cesário de Verde, com Azinhal Abelho, na poesia do que é burguês.

Vasco de Lima Couto tem 21 anos. Há dois que se fez recitador; e o público vai-o aplaudindo sempre que ele surge com um estilo cada vez mais expurgado. Poeta, enfileira nos excepções desta geração de poetas: é lírico, dum superficialismo de motivos que, como Pedro Homem de Melo, ele consegue erguer ao dramatismo. Uma sensação de agrado crescentemente poderosa — nos toma ao ler-lhe as produções simples e musicais.

Do livro «Romance» que vai sair dentro de dias, tiramos este inédito:

DESALENTO

Inútil, o tentar saber de mim
E inútil o tentar saber da vida.
Quanto mais vemos, mais desconhecemos,
E tudo se reduz a despedida.
Tôdas as flores, quando a noite desce
Gritam no escuro sombreado e mudo!
Tudo é inútil, mesmo quando a vida
É sol... e é canção... e é paz... e é tudo!
Mulheres... são desenhos que se estudam,
Recortes de paixão que logo vai,
Apenas um minuto decadente
Dentro da carne que a virtude atrai.
Amor é qualquer coisa de mais belo,
Mas nem tudo, afinal, pra quem pressente...
Que o mundo é arco-íris de loucura,
E o resto... maravilha que nos mente!

(Ai! sombra oculta dum amor que eu vi
E cuja fonte sinto estar perdida!)

... E' inútil tentar saber de mim
E é inútil tentar saber da vida...

Lamentavelmente, o último número do "BOLETIM" saiu cheio de gralhas. Sobretudo, o artigo do nosso prezado colaborador Sr. Dr. Alfredo Pimenta, foi alvo de graves alterações que não podem ficar sem ressalva. Aos nossos leitores e, em especial ao ilustre historiador, rogamos desculpa dos erros cometidos. Eis as principais emendas:

Onde se lê	Deve ler-se:
Alfredo Pimenta nasceu em Guimarães	Alfredo Pimenta nasceu na Casa de Penouços, em Guimarães
António Sardinha, Mariotte	António Sardinha, João do Amaral, Mariotte
Física, da Química (linha 15-2.a coluna)	Física, a da Química
através sua vida (linha 35-2.a coluna)	através da sua vida
história progressa (linha 47-2.a coluna)	história progressa
uma vez que ultrapassamos (linha 13 do Suplemento-3.a coluna)	uma vez que ultrapássemos
A Realidade é o produto (linha 10-4.a coluna)	A realidade é o produto
Não é uma Realidade (linha 20-4.a coluna)	Não é uma realidade
Serra da Estrêla, centenas (linha 24-4.a coluna)	Serra da Estrêla, a centenas
não sabem (linha 27-4.a coluna)	não cabem
Se sentimos (linha 38-4.a coluna)	Se vestimos
assim estamos (linha 52-4.a coluna)	assim erramos
se faz com observações (linha 47-4.a coluna)	se faz com abstracções
a tese que a (linha 63-4.a coluna)	a tese de que a
e que a História (linha 65-4.a coluna)	e de que a História